REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

A RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA COMO ALICERCE PARA O SUCESSO EDUCACIONAL

THE SCHOOL-FAMILY RELATIONSHIP AS A FOUNDATION FOR EDUCATIONAL SUCCESS

LA RELACIÓN ESCUELA-FAMILIA COMO BASE PARA EL ÉXITO EDUCATIVO

Francisco Renato Silva Ferreira
Mestre em Ensino em Saúde pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO, Brasil
E-mail: renatoferreira@altaneira.ce.gov.br
CV: http://lattes.cnpq.br/6775378848524040

Aldenir Raimundo dos Santos
Especialista em Gestão Escolar pelo Centro Universitário Faveni – UNIFAVENI, Brasil
E-mail: aldenir.pele@gmail.com
CV: http://lattes.cnpq.br/9006022942018667

Ronieris Bernadino dos Reis Silva
Especialista em Educação Matemática pela Faculdades Integradas de Patos – FIP/PB, Brasil
E-mail: roni.reiz@gmail.com
CV: http://lattes.cnpq.br/2651999766750460

Maria Lusdenia Santos Silva
Especialista em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, Brasil
E-mail: marialusdenia@gmail.com
CV: https://lattes.cnpq.br/8599838967519304

Maria Alana da Silva Sales Leite
Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Intervale – INTERVALE, Brasil
E-mail: alanabarbalha@hotmail.com
CV: http://lattes.cnpq.br/4241600149666513

Raphael Ferreira Perdigão
Mestrando em Tecnologias Emergentes na Educação pela MUST University – MUST, USA
E-mail: raphaelfperdigao@hotmail.com
CV: https://lattes.cnpq.br/6673264499855585

José Cícero Cabral de Lima Júnior
Especialista em Educação Física Escolar pela Faculdades Integradas de Patos – FIP/PB, Brasil
E-mail: junior_flag@hotmail.com
CV: https://lattes.cnpq.br/2336088379814738

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

Maria Izabel Pedro da Silva
Especialista em Libras pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI, Brasil
E-mail: izabelpedro2009@gmail.com
CV: https://lattes.cnpq.br/2905356848631037

RESUMO

O artigo analisa a relação entre escola e família como pilar essencial da educação contemporânea e condição determinante para o sucesso escolar e o desenvolvimento integral do sujeito. A investigação, de natureza qualitativa e caráter bibliográfico, fundamenta-se em autores como Freire (2019), Libâneo (2021), Saviani (2020), Paro (2018) e Ariès (2012), que defendem a educação como prática dialógica, cooperativa e humanizadora. O estudo destaca que o diálogo, a escuta sensível e a corresponsabilidade entre educadores e famílias favorecem o protagonismo discente, reduzem a evasão e fortalecem o vínculo comunitário. A análise demonstra que, quando a escola se abre à participação familiar, o aprendizado adquire significado ético e social, promovendo uma pedagogia do cuidado e da presença. Conclui-se que a parceria escola-família é mais do que uma estratégia pedagógica: trata-se de um compromisso ético e político com a democratização da educação e com a formação de sujeitos críticos, autônomos e solidários.

Palavras-chave: Educação; Escola-Família; Humanização.

ABSTRACT

This article examines the relationship between school and family as an essential pillar of contemporary education and a determining condition for both academic success and the integral development of the individual. The research, qualitative in nature and bibliographical in character, is grounded in the reflections of Freire (2019), Libâneo (2021), Saviani (2020), Paro (2018) and Ariès (2012), who conceive education as a dialogical, cooperative and humanizing practice. The study emphasizes that dialogue, sensitive listening, and shared responsibility between educators and families foster student protagonism, reduce school dropout, and strengthen community bonds. The analysis demonstrates that when schools embrace family participation, learning acquires ethical and social meaning, promoting a pedagogy of care and presence. It concludes that the school-family partnership is not merely a pedagogical strategy but an ethical and political commitment to the democratization of education and the formation of critical, autonomous, and compassionate subjects.

Keywords: Education; School-Family; Humanization.

RESUMEN

El artículo analiza la relación entre escuela y familia como pilar esencial de la educación contemporánea y condición determinante para el éxito escolar y el desarrollo integral del individuo. La investigación, de naturaleza cualitativa y carácter bibliográfico, se basa en las reflexiones de Freire (2019), Libâneo (2021), Saviani (2020), Paro (2018) y Ariès (2012), quienes conciben la educación como una práctica

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

dialógica, cooperativa y humanizadora. El estudio resalta que el diálogo, la escucha sensible y la corresponsabilidad entre educadores y familias favorecen el protagonismo estudiantil, reducen la deserción y fortalecen los lazos comunitarios. El análisis demuestra que cuando la escuela acoge la participación familiar, el aprendizaje adquiere sentido ético y social, promoviendo una pedagogía del cuidado y de la presencia. Se concluye que la alianza escuela-familia no es solo una estrategia pedagógica, sino un compromiso ético y político con la democratización de la educación y la formación de sujetos críticos, autónomos y solidarios.

Palabras clave: Educación; Escuela-Familia; Humanización.

1. INTRODUÇÃO

Pensar a educação como processo humano é reconhecer que nenhum ato educativo se realiza isoladamente. A escola, embora seja o espaço institucional por excelência da aprendizagem formal, não é autossuficiente na tarefa de formar sujeitos críticos, éticos e sensíveis à realidade social que os cerca. É na confluência entre o saber pedagógico e o universo afetivo e cultural da família que se constrói o alicerce sobre o qual repousa o verdadeiro sentido da educação. A escola ensina, mas é na convivência familiar que os valores, as atitudes e os vínculos emocionais se consolidam, moldando as bases sobre as quais se erguem as experiências do aprender.

A cooperação entre escola e família é, portanto, mais do que uma diretriz administrativa; trata-se de um princípio ético que orienta a própria natureza da educação. Quando essas duas instâncias atuam em sintonia, o processo de ensino-aprendizagem ganha significado, continuidade e intencionalidade formativa. Segundo Paro (2018, p. 54):

> A relação escola-família deve ser compreendida como um diálogo permanente entre dois universos educativos que compartilham a mesma finalidade: o desenvolvimento humano. Essa interação, no entanto, não se restringe ao acompanhamento das tarefas escolares ou à presença física em reuniões, mas implica corresponsabilidade, escuta mútua e participação efetiva no processo formativo. A família e a escola, ao atuarem de forma integrada, fortalecem os vínculos sociais e emocionais que sustentam a aprendizagem significativa e o desenvolvimento ético dos estudantes. Assim, a parceria entre ambas se configura como eixo estruturante da educação democrática, contribuindo para a construção de sujeitos críticos, autônomos e capazes de intervir na realidade de forma solidária e transformadora.

Essa interlocução contínua, alicerçada no respeito mútuo e na escuta sensível, é o que possibilita ao educador compreender melhor o contexto do estudante e, ao

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

mesmo tempo, permite à família reconhecer a escola como extensão de seu compromisso com a vida e com o conhecimento.

Não é possível pensar em sucesso educacional sem reconhecer o papel decisivo da família como primeira instituição formadora. É nela que se constroem as referências simbólicas e afetivas que sustentam o percurso escolar da criança. Ariès (2012, p. 33) observa que, com o advento da modernidade, a família tornou-se o núcleo central da experiência humana, atribuindo à infância uma importância inédita e transformando o cuidado e a educação em dever moral e social. Essa transformação histórica redefiniu as expectativas sobre o papel dos pais e reforçou o vínculo entre educação doméstica e escolar, reconhecendo que ambas se interligam na formação integral do sujeito.

Na contemporaneidade, contudo, as mudanças nas dinâmicas familiares e as pressões da vida urbana vêm fragilizando esse elo. O tempo escasso, o trabalho extenuante e as desigualdades socioeconômicas afastam pais e responsáveis do cotidiano escolar, comprometendo o acompanhamento pedagógico e o suporte emocional das crianças. Como lembra Libâneo (2021), a ausência de diálogo entre família e escola cria lacunas no processo educativo, dificultando a construção de um ambiente de aprendizagem cooperativo e humanizado. Assim, compreender a escola como espaço de mediação e não de isolamento é condição fundamental para a efetivação de um projeto educacional democrático.

O fortalecimento dessa parceria exige um olhar ampliado sobre o papel de cada agente envolvido. A escola precisa assumir sua função social de mediação entre o conhecimento e a realidade vivida pelos alunos, sem desconsiderar o contexto familiar e comunitário que molda suas experiências. Freire (2019, p. 82) sintetiza essa compreensão ao afirmar que:

> Ensinar exige amor, coragem e compromisso com o outro. O educador que não ama o ato de ensinar e não ama o educando, nega a própria essência da prática educativa. Amar, nesse contexto, é compreender o ensino como gesto ético e político, que se fundamenta no respeito à dignidade humana e no reconhecimento do educando como sujeito de saberes. A prática pedagógica só se torna libertadora quando o amor se traduz em escuta, diálogo e compromisso com a transformação social.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

Ao ultrapassar o âmbito meramente afetivo, essa afirmação adquire uma dimensão política e emancipadora, pois ao reconhecer a família como parceira legítima e coautora do processo educativo, a escola ressignifica sua própria função social. O ato de ensinar deixa de ser uma prática restrita à transmissão de saberes e converte-se em exercício de cidadania, diálogo e corresponsabilidade. Nessa perspectiva, o espaço escolar torna-se território de partilha, onde o conhecimento é produzido coletivamente e o compromisso com a formação humana se transforma em projeto ético de construção democrática.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, reafirma que a educação é dever do Estado e da família, devendo ser promovida com a colaboração da sociedade. Essa formulação legal não é meramente declaratória, mas expressa o reconhecimento de que a educação é uma responsabilidade compartilhada e uma construção coletiva. O êxito escolar depende, portanto, de uma rede de relações pautadas na solidariedade, na confiança e no engajamento conjunto de educadores, estudantes e responsáveis.

Cabe ressaltar que o sucesso educacional não se reduz ao desempenho acadêmico ou às métricas de rendimento. Ele se manifesta também na formação de sujeitos autônomos, críticos e emocionalmente saudáveis. A escola que acolhe e a família que acompanha estabelecem um círculo virtuoso de cuidado, em que o aprender é atravessado pela escuta, pelo afeto e pela presença. Saviani (2020, p. 67) enfatiza que “a educação, enquanto prática social, só alcança sua plenitude quando compreendida como ato coletivo e cooperativo, no qual todos partilham responsabilidades e esperanças”.

Essa dimensão coletiva é o que confere sentido à expressão “alicerce educacional”. O vínculo entre escola e família é a estrutura invisível que sustenta o edifício da aprendizagem e da convivência. Onde há diálogo, o fracasso escolar cede lugar à descoberta; onde há corresponsabilidade, o abandono dá lugar à permanência; onde há empatia, o medo transforma-se em confiança.

Dessa forma, esta investigação propõe-se a analisar de que maneira a parceria entre escola e família se constitui como elemento decisivo para o fortalecimento da

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

qualidade educacional e para a promoção do desenvolvimento integral dos estudantes. Compreende-se que a verdadeira transformação da educação não se restringe a reformas estruturais ou metodológicas, mas nasce da escuta atenta, amadurece na cooperação cotidiana e se consolida na partilha de um ideal comum: o de formar sujeitos conscientes, sensíveis e autônomos, capazes de aprender com o mundo, de interagir criticamente com a realidade e de reconstruí-la por meio do diálogo e da esperança.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A escola como espaço de formação humana

A compreensão da escola como espaço de formação humana exige uma visão que ultrapasse o limite do ensino conteudista e avance para o terreno das relações, dos valores e das experiências partilhadas. A instituição escolar, mais do que um lugar de transmissão de saberes, deve ser concebida como um território de encontro, onde se entrelaçam o saber científico, o saber popular e as dimensões éticas e afetivas que constituem a existência humana. A educação, enquanto prática social, é um processo histórico e coletivo que se constrói no diálogo entre sujeitos, mediado pela cultura, pela linguagem e pelas relações de poder que atravessam o cotidiano escolar.

Em um contexto social marcado pela fragmentação, pela competitividade e pela desvalorização do humano, a escola tem a missão de reencantar o ato de aprender e resgatar o sentido ético da convivência. Tal propósito só se concretiza quando a aprendizagem é compreendida como um fenômeno integral, que articula o cognitivo, o emocional e o social. Como ensina Freire (2019, p. 76):

> Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante. É compreender que o ato de ensinar não se reduz a transmitir conteúdos, mas a possibilitar que o outro produza o seu próprio conhecimento em comunhão com o mundo. Essa concepção amplia a dimensão do ensino para além da instrução técnica, transformando-o em um processo dialógico, ético e existencial. O educador, ao reconhecer-se como sujeito histórico, assume o compromisso de ensinar com amor, curiosidade e responsabilidade, valorizando o saber do aluno e o contexto em que ele vive. Assim, educar é também um exercício de liberdade e de criação, no qual se aprende e se ensina em permanente construção coletiva do saber.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

A lição freireana rompe com a visão mecanicista da educação e afirma a centralidade do diálogo como eixo formador da experiência pedagógica. Educar, nesse sentido, é também um ato político, pois implica reconhecer no outro a capacidade de pensar, agir e transformar a realidade. A escola, quando humaniza suas práticas, torna-se espaço de emancipação e não de domesticação; de encontro e não de imposição.

Ao considerar a escola como locus de formação humana, é preciso entender que ela não opera de modo isolado da sociedade, mas reproduz e, ao mesmo tempo, tensiona as contradições do mundo em que está inserida. Saviani (2020) recorda que a função social da escola é produzir, sistematizar e socializar o conhecimento historicamente acumulado, permitindo ao indivíduo apropriar-se da cultura e agir criticamente sobre ela. Dessa forma, o ato de ensinar ultrapassa o simples domínio técnico e alcança a dimensão da consciência.

> A educação, enquanto prática social intencional, tem como fim a humanização dos sujeitos, isto é, a formação de homens e mulheres capazes de compreender, intervir e transformar as condições concretas de sua existência. Trata-se de uma ação mediadora entre o indivíduo e a sociedade, cujo propósito maior é desenvolver a consciência crítica e promover a emancipação humana. A escola, nesse sentido, deve ser entendida como espaço de produção de cultura, de reelaboração do saber e de afirmação da dignidade. Educar, portanto, é um ato político e ético que se realiza na e pela relação com o outro, comprometido com a construção de uma sociedade mais justa e solidária (Saviani, 2020, p. 67).

Esse entendimento desloca a função da escola do campo burocrático para o campo ético-político: a formação humana não se realiza pela mera reprodução de informações, mas pela reflexão crítica sobre o mundo. Tal perspectiva reforça a importância da afetividade e do diálogo como categorias estruturantes da pedagogia contemporânea, especialmente em tempos de crise de valores e desumanização das relações.

Ao articular o saber escolar com o saber da vida, a escola assume um papel mediador entre o indivíduo e a sociedade, tornando-se ponte para a construção de sentidos e pertencimentos. Libâneo (2021) argumenta que a escola é o espaço por excelência onde o sujeito pode se descobrir como ser histórico, cultural e ético, pois nela se materializam as oportunidades de convivência, o exercício da cidadania e a aprendizagem da alteridade. Em suas palavras,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

> A escola humanizadora é aquela que educa para a vida, que desperta o pensamento crítico, que faz da sala de aula um laboratório de humanidade, no qual o conhecimento se torna prática de liberdade e o respeito mútuo é a base de todas as relações. Esse modelo educativo reconhece a diversidade humana e valoriza o diálogo como instrumento de crescimento coletivo. A pedagogia humanizadora compreende que ensinar é formar sujeitos conscientes de si e do mundo, capazes de agir eticamente e de transformar a realidade em que vivem. Assim, o processo educativo ultrapassa os limites da instrução formal, convertendo-se em uma experiência de formação integral, de sensibilidade e de compromisso com a justiça social (Libâneo, 2021, p. 91).

Essa concepção amplia o papel do professor, transformando-o em mediador sensível das experiências humanas e não apenas em transmissor de conteúdos. O educador, ao reconhecer a pluralidade cultural e emocional de seus alunos, torna-se também um aprendiz, alguém que constrói saberes na reciprocidade do encontro. Assim, o ensino deixa de ser um exercício de autoridade vertical e passa a ser um gesto de construção compartilhada, em que todos ensinam e aprendem.

A presença da família nesse processo é igualmente indispensável, pois a escola não é um universo autônomo. O vínculo familiar amplia o alcance das ações educativas, garantindo que os valores trabalhados em sala de aula encontrem eco na vida cotidiana. Quando a família participa da educação, legitima o esforço pedagógico e o torna mais significativo. A escola, por sua vez, precisa desenvolver práticas de acolhimento, escuta e diálogo que aproximem as famílias, reconhecendo-as como protagonistas no desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Essa reciprocidade fortalece a formação ética e afetiva dos sujeitos, tornando a aprendizagem um processo integral. Paro (2018) reforça que uma escola democrática é aquela que compreende a formação humana como construção coletiva, onde todos — professores, estudantes, gestores e famílias — são responsáveis pela edificação de uma cultura educativa baseada na solidariedade e no respeito.

> Educar para a vida em sociedade é educar para o diálogo. Onde há silêncio imposto, não há aprendizado; e onde há voz e escuta, nasce a consciência. O diálogo é o elemento vital da prática educativa, pois é nele que o sujeito se reconhece como parte de uma coletividade e constrói sua identidade em interação com o outro. O espaço escolar, quando pautado pela escuta, pela fala e pela reflexão crítica, torna-se ambiente de humanização e emancipação. Assim, a escola deixa de ser um lugar de mera transmissão de saberes para se tornar um território de encontros, de produção de sentidos e de exercício da cidadania ativa (Paro, 2018, p. 72).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

Conceber a escola como espaço de formação humana implica, portanto, resgatar o caráter emancipatório da educação, compreendendo-a como direito e não como privilégio. Isso requer políticas públicas que assegurem condições dignas de trabalho aos docentes, infraestrutura adequada e valorização da gestão democrática. Mais do que um ambiente de instrução, a escola deve ser uma comunidade de sentido, um lugar onde o saber se transforma em vida e a convivência em aprendizado.

Em síntese, a escola humanizadora é aquela que reconhece a complexidade do ser e educa para o viver. Nela, o conhecimento não é fim em si mesmo, mas instrumento de libertação e solidariedade. A educação, quando vivida como prática de humanidade, restitui ao ato de ensinar sua dimensão mais profunda: a de fazer do mundo um espaço habitável, justo e esperançoso.

2.2 A família como primeira instituição educativa

A reflexão sobre a família enquanto primeira instituição educativa requer compreender que a formação do ser humano antecede a escolarização e nasce nas relações primárias de afeto, convivência e pertencimento. Antes de entrar na escola, a criança aprende a nomear o mundo, a reconhecer gestos, a expressar sentimentos e a interpretar os sinais da vida cotidiana. Nesse sentido, a família desempenha um papel originário e insubstituível no processo de construção da subjetividade, constituindo-se como o primeiro espaço de mediação entre o indivíduo e a cultura.

O lar é o lugar onde se forjam os valores, as atitudes e as referências simbólicas que orientarão a vida escolar e social. Por essa razão, a educação familiar não se restringe à transmissão de normas, mas expressa uma pedagogia silenciosa, permeada de gestos, exemplos e afetos. Ariès (2012, p. 33), ao estudar a história da infância, enfatiza que o surgimento da família moderna transformou radicalmente as formas de educar:

> A partir do século XVII, a família passa a ser concebida como o núcleo afetivo por excelência, responsável por moldar o caráter, disciplinar os hábitos e infundir nas crianças os valores que antes eram papel da comunidade ou da Igreja. A infância, então, adquire um lugar central na vida social. Essa mudança redefine as práticas educativas, deslocando o eixo da formação moral coletiva para o ambiente doméstico, em que o afeto, a vigilância e a interiorização das normas sociais se tornam instrumentos fundamentais do processo civilizador. A educação passa a ser vista não apenas como

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

> instrução, mas como cultivo da sensibilidade e da moral, articulando-se às novas demandas da modernidade e às expectativas sociais de docilidade, disciplina e racionalidade.

Esse processo histórico deslocou o centro da formação da esfera comunitária para o âmbito doméstico, reforçando a ideia de que a família é o primeiro e mais duradouro espaço educativo. A partir daí, a educação deixou de ser vista apenas como instrução formal e passou a ser compreendida como experiência de cuidado, escuta e convivência, abrindo caminho para uma pedagogia fundada na relação entre amor e responsabilidade.

A presença ativa da família na vida dos filhos constitui a base da aprendizagem afetiva e moral, elementos que antecedem e sustentam o aprendizado escolar. A criança que cresce em um ambiente de diálogo e segurança emocional tende a desenvolver autoconfiança, curiosidade e autonomia intelectual. Conforme observa Tiba (2006), os pais não precisam ser especialistas em educação, mas precisam ser presenças constantes na construção de sentido e de pertencimento dos filhos. O autor recorda que a ausência afetiva, ainda que compensada por bens materiais, gera lacunas profundas na formação emocional das crianças, comprometendo seu desenvolvimento integral.

As transformações econômicas e culturais das últimas décadas, contudo, vêm modificando as dinâmicas familiares e impondo novos desafios à educação doméstica. A sobrecarga de trabalho, a aceleração do tempo e a precarização das relações sociais têm reduzido as oportunidades de convivência e diálogo entre pais e filhos. Essa realidade acentua o distanciamento entre o ambiente familiar e o universo escolar, fragilizando o vínculo que deveria ser de cooperação. Libâneo (2021, p. 88) chama atenção para essa ruptura ao afirmar que:

> A escola, para cumprir seu papel formativo, precisa da presença da família; e a família, para educar plenamente, necessita do apoio da escola. Quando esses dois espaços se afastam, a criança perde o referencial simbólico que dá coerência ao seu processo de aprendizagem. Essa ausência de integração compromete o desenvolvimento cognitivo e emocional, fragiliza os vínculos afetivos e reduz a potência transformadora do processo educativo. A articulação entre esses contextos é, portanto, condição indispensável para uma educação integral, democrática e humanizadora, capaz de reconhecer na criança um sujeito de direitos e de potencialidades. A cooperação entre família e escola constitui-se, assim, em um pacto ético e social que dá sentido à aprendizagem e fortalece a formação cidadã.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

Tal observação reforça a ideia de interdependência entre os dois contextos. A família não é concorrente da escola, mas sua aliada natural. A educação formal, por sua vez, só atinge plenitude quando dialoga com a educação doméstica e comunitária. Essa articulação é o que confere à aprendizagem sua dimensão integral — intelectual, emocional e ética — permitindo que o sujeito se reconheça como ser histórico e social.

Sob a perspectiva da psicopedagogia, o ambiente familiar constitui o primeiro campo de experiência simbólica e de construção da linguagem. É nas interações com os pais, avós e irmãos que a criança internaliza valores como empatia, cooperação e respeito. Esses elementos, mais tarde, se refletem na postura diante do professor, dos colegas e das regras escolares. Freire (2019, p. 81) enfatiza que o ato de educar é um processo dialógico que começa na intimidade da convivência:

> Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Educar é, portanto, um exercício de reciprocidade, um movimento de troca e de reconhecimento mútuo. Na pedagogia freireana, o diálogo não é mera técnica de comunicação, mas a essência da própria prática educativa, pois é nele que se afirmam o respeito, a escuta e a construção coletiva do saber. Quando a escola e a família se abrem à dialogicidade, criam-se condições para que o conhecimento se transforme em ato de amor, e a aprendizagem se converta em um processo de libertação humana.

Essa máxima freireana ilumina a relação familiar como o primeiro exercício de diálogo, de alteridade e de reconhecimento do outro. É nesse convívio cotidiano, mediado por gestos de amor e escuta, que a criança aprende o significado da palavra, da responsabilidade e da liberdade. A família, ao exercer essa pedagogia da presença, contribui para a formação de indivíduos capazes de respeitar o outro e de participar da vida social de maneira consciente e solidária.

Quando a escola reconhece a família como parceira e não como coadjuvante, estabelece um vínculo de confiança que fortalece o processo educativo. O envolvimento dos pais em reuniões, projetos e atividades não deve ser interpretado como mera formalidade, mas como parte essencial de uma pedagogia do compartilhamento. Paro (2018, p. 72) destaca que uma escola democrática se constrói a partir da cooperação entre os agentes educativos, pois “a educação só se efetiva quando há reciprocidade de esforços e quando o aprender é compreendido como tarefa coletiva”.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

Essa reciprocidade demanda sensibilidade institucional. É papel da escola criar estratégias que acolham as famílias em suas diversidades — monoparentais, extensas, adotivas, reconstituídas —, respeitando as singularidades de cada realidade. O diálogo com os responsáveis precisa ser permeado de empatia, evitando julgamentos morais e estabelecendo parcerias reais. Quando a escola ouve e compreende a família, amplia seu horizonte pedagógico e transforma a aprendizagem em um processo de construção compartilhada.

Além disso, a formação humanizadora depende da revalorização do tempo de convivência. Educar é, em essência, estar junto, acompanhar, orientar e celebrar pequenas conquistas. Em um mundo acelerado e tecnológico, a presença torna-se ato político e pedagógico. A família que dedica tempo ao convívio, ao diálogo e à escuta transforma o lar em uma verdadeira escola de humanidade. Assim, o amor cotidiano, silencioso e constante, revela-se o primeiro método de ensino.

Em síntese, compreender a família como a primeira e mais duradoura instituição educativa significa reconhecer nela o alicerce afetivo, ético e simbólico sobre o qual se constrói o processo de aprendizagem. É nesse espaço de convivência que a criança se descobre como sujeito de linguagem, experimenta o amor, aprende o valor do respeito e adquire as primeiras noções de pertencimento social. O fortalecimento desse vínculo não substitui nem rivaliza com o papel da escola; ao contrário, amplia e enriquece sua missão formadora. A parceria entre ambas configura-se, assim, como a base de um projeto educativo que transcende a mera instrução intelectual e se volta para a formação integral do ser humano — um ser capaz de sonhar, criar, agir com empatia e transformar o mundo em que vive.

2.3 Comunicação e parceria como instrumentos de aprendizagem

A comunicação, quando compreendida como ato de escuta e reciprocidade, constitui o alicerce das relações educativas e o meio pelo qual a parceria entre escola e família se consolida. Não há aprendizagem significativa sem diálogo, tampouco há vínculo educativo quando a palavra não encontra eco no outro. O modo como professores, gestores e familiares se comunicam reflete o grau de confiança e de corresponsabilidade que sustenta a vida escolar. Mais do que troca de informações,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

a comunicação pedagógica é um processo de construção de sentidos, que envolve a linguagem, a afetividade e a ética das relações humanas.

Em sociedades marcadas pela pressa e pelo distanciamento emocional, a comunicação educativa assume um papel transformador, pois restitui à palavra seu valor humanizador. Falar e ouvir, no contexto da escola, significa reconhecer o outro como sujeito de saber e como parte de um mesmo projeto formativo. Freire (2019, p. 92) traduz essa ideia ao afirmar que:

> O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam. Pronunciar o mundo é transformá-lo; e é no encontro das palavras que o conhecimento se renova e o ser humano se torna mais consciente de si e do outro. Nesse processo, o diálogo assume um caráter libertador, pois rompe com as relações verticalizadas de poder e instaura uma pedagogia da escuta, do respeito e da criação coletiva. O educador, ao reconhecer-se também aprendiz, renuncia à imposição e adere à partilha, compreendendo que o saber se constrói na reciprocidade. Assim, o diálogo não é apenas um método de ensino, mas o próprio modo de existir de uma educação humanizadora, crítica e solidária.

Tal compreensão reafirma que a comunicação não é mero instrumento técnico, mas dimensão existencial do processo educativo. A palavra, ao circular entre escola e família, carrega afetos, expectativas e valores que modelam o modo como o aluno percebe o aprendizado e o pertencimento à comunidade escolar. Nesse sentido, a comunicação é, ao mesmo tempo, meio e fim: meio porque torna possível a interação e a troca; fim porque constitui o próprio exercício da convivência e da alteridade.

Em uma perspectiva psicopedagógica, o ato comunicativo é também terapêutico, na medida em que favorece o reconhecimento do aluno como sujeito de desejo e de linguagem. A escuta sensível do educador e o diálogo permanente com os familiares criam um ambiente emocionalmente seguro, indispensável ao desenvolvimento cognitivo. Libâneo (2021) observa que a comunicação educativa exige intencionalidade e empatia, pois “o professor é mediador entre o conhecimento e o sujeito, mas também entre o sujeito e o mundo de significados que o cerca”. Assim, falar com a família, ouvir suas angústias e compreender suas limitações é parte integrante da prática pedagógica humanizadora.

Ao tratar da dimensão ética do diálogo, Saviani (2020, p. 64) salienta que a comunicação deve estar fundada na cooperação, e não na hierarquia, pois:

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

> A verdadeira educação se faz na reciprocidade. Ensinar é um ato que implica aprender, e aprender é, ao mesmo tempo, um modo de ensinar. Não há verticalidade possível onde há comunhão e respeito mútuo. A pedagogia autêntica exige que o educador reconheça no educando um interlocutor legítimo, alguém capaz de pensar, sentir e agir sobre o mundo. Nesse horizonte, o processo educativo deixa de ser uma relação de poder e passa a constituir-se como um encontro de consciências, em que o conhecimento é produzido coletivamente. A ética, assim, torna-se a base do diálogo, garantindo que o saber não se converta em dominação, mas em libertação e construção solidária da humanidade.

Essa concepção rompe com a lógica autoritária ainda presente em muitas instituições escolares, em que o contato com as famílias se limita a momentos de crise ou cobrança. A parceria entre escola e responsáveis precisa ser cultivada no cotidiano, nas pequenas ações, nas conversas que acolhem e nas decisões que são tomadas de forma coletiva. Somente a partir dessa prática comunicativa dialógica é que a confiança se torna realidade e o aprendizado adquire sentido social.

A comunicação, portanto, não se restringe à transmissão de recados ou à convocação de reuniões. Ela é uma via de mão dupla, que requer humildade epistemológica e abertura afetiva de ambas as partes. Quando a escola fala sem escutar, perde a capacidade de compreender o contexto das famílias; quando a família silencia, deixa de compartilhar saberes e experiências que poderiam enriquecer o processo educativo. Paro (2018) destaca que o diálogo entre educadores e pais é condição essencial para a democratização da educação, pois permite à escola reconhecer o papel social das famílias e construir estratégias conjuntas de superação das dificuldades.

> Nenhum projeto educativo pode prosperar sem a escuta ativa daqueles que fazem parte do cotidiano do aluno. A escola precisa compreender que o conhecimento se amplia no encontro, e que a palavra compartilhada é semente de transformação. A escuta, nesse sentido, não é um gesto passivo, mas uma atitude pedagógica que reconhece a voz do outro como parte constitutiva do processo de aprendizagem. Quando a instituição escolar valoriza o diálogo e a participação das famílias, transforma o espaço educativo em território de convivência democrática. Assim, ouvir torna-se um ato político e formativo, capaz de gerar pertencimento, fortalecer vínculos e ressignificar o sentido coletivo da educação (Paro, 2018, p. 75).

Tal afirmação aponta para a urgência de práticas comunicativas que transcendam a burocracia institucional. O diálogo precisa ser incorporado à cultura escolar como princípio organizador das relações e não como mero expediente administrativo. As reuniões, os conselhos de classe participativos, os encontros

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

pedagógicos e os projetos comunitários são espaços fecundos para o exercício da escuta, da partilha de ideias e da coautoria de soluções. Quando pais e professores aprendem a dialogar de forma horizontal, o aluno percebe a coerência entre os discursos e as práticas, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a motivação para aprender.

A comunicação também cumpre função social e política dentro do contexto educativo. Ao integrar as famílias às decisões escolares, promove-se a democratização do saber e o reconhecimento da diversidade cultural presente no ambiente educacional. Cada família carrega modos próprios de compreender o mundo, e é nessa multiplicidade que a escola encontra novas formas de ensinar e de aprender. A palavra, nesse sentido, é instrumento de partilha e de inclusão. Freire (2019, p. 106) retoma esse pensamento ao afirmar:

> A comunicação verdadeira é aquela que se estabelece entre sujeitos livres, que se reconhecem como inacabados e que buscam, juntos, reinventar o mundo pela força criadora da palavra. Nessa concepção, comunicar é compartilhar significados, produzir sentidos e construir realidades em comum. A palavra, mediada pelo diálogo, é instrumento de libertação e de conscientização, pois conduz à reflexão crítica e à transformação da prática. Assim, a educação não pode ser reduzida a uma transmissão unilateral de saberes, mas deve constituir-se como um ato de encontro, em que o educador e o educando se fazem mutuamente em processo de descoberta e de criação. É na comunicação autêntica que se consolida a relação humanizadora entre escola, família e comunidade, possibilitando uma formação ética e solidária.

Em um mundo saturado por ruídos e discursos fragmentados, recuperar a essência da comunicação educativa é tarefa civilizatória. A escola precisa reaprender a ouvir para poder ensinar, e a família precisa reaprender a falar para poder compreender. É nesse equilíbrio entre a escuta e a fala, entre a presença e a palavra, que se constrói a parceria autêntica — aquela que ultrapassa a formalidade das reuniões e se transforma em compromisso ético e afetivo com a formação das novas gerações.

Assim, a comunicação e a parceria entre escola e família não são apêndices do processo educativo, mas a sua estrutura vital. Quando ambas se reconhecem como corresponsáveis pelo ato de educar, o diálogo torna-se o eixo que sustenta a aprendizagem significativa, a convivência democrática e a formação humana. A

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

palavra, em sua dimensão mais profunda, converte-se em pedagogia — e a pedagogia, quando alicerçada no diálogo, torna-se sinônimo de esperança.

2.4 Desafios e possibilidades da relação escola-família

A consolidação de uma relação sólida entre escola e família, embora amplamente reconhecida como essencial, ainda enfrenta inúmeros entraves de ordem social, cultural e institucional. As tensões que permeiam essa parceria revelam tanto os desafios da contemporaneidade quanto as possibilidades de reinvenção da própria prática educativa. Em um contexto marcado por desigualdades, transformações familiares e precarização das condições de trabalho docente, construir pontes de diálogo entre pais e educadores requer não apenas boa vontade, mas também sensibilidade, escuta ativa e políticas institucionais de inclusão e corresponsabilidade.

A experiência cotidiana nas escolas públicas brasileiras demonstra que muitas vezes o afastamento entre a instituição de ensino e as famílias não decorre da ausência de interesse, mas da falta de condições objetivas para uma participação efetiva. Jornadas extenuantes, dificuldades financeiras e lacunas educacionais históricas impedem que os responsáveis acompanhem de perto o processo de aprendizagem dos filhos. Além disso, a comunicação escolar, quando restrita a momentos de advertência ou reuniões burocráticas, tende a reforçar sentimentos de culpa e impotência. Paro (2018, p. 77) adverte sobre essa problemática ao afirmar que:

> A escola não pode tratar a família como mera coadjuvante ou como receptora passiva das decisões pedagógicas. É preciso reconhecer nos pais e responsáveis sujeitos de saber e de cultura, portadores de experiências que podem enriquecer o trabalho educativo. Essa postura implica compreender que o conhecimento não é propriedade exclusiva da instituição escolar, mas um bem social que se constrói na convivência, no diálogo e na valorização das múltiplas vozes que compõem o espaço educativo. A participação da família no cotidiano escolar deve ser vista, portanto, como condição essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes, favorecendo uma pedagogia da corresponsabilidade e do respeito à diversidade. Somente por meio dessa parceria é possível consolidar uma educação inclusiva, democrática e humanizadora.

A fala do autor explicita uma das maiores contradições do sistema educacional brasileiro: a escola que deseja a presença da família, mas nem sempre cria espaços de pertencimento e diálogo. O desafio, portanto, reside em transformar a presença

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

física em participação simbólica e afetiva, rompendo com a visão hierárquica que historicamente separou o saber escolar do saber familiar. Reconhecer as famílias como parceiras é reconhecer que o conhecimento também nasce fora dos muros da escola, nas práticas sociais, nas memórias e nas vivências cotidianas.

Outro obstáculo relevante é o preconceito institucional que ainda perpassa muitas relações educativas. Famílias de classes populares, negras ou pertencentes a contextos periféricos, por vezes, são estigmatizadas como “desestruturadas” ou “ausentes”, quando, na verdade, enfrentam condições de vida profundamente desiguais. A escola, ao reproduzir tais estigmas, reforça processos de exclusão e distancia ainda mais aqueles que mais precisam de acolhimento. Freire (2019, p. 88) denuncia a sutileza dessa exclusão simbólica ao afirmar que:

> Ninguém educa ninguém a partir do preconceito. O ato de educar exige humildade e abertura para compreender o outro em sua condição concreta, em seu tempo e em sua história. Educar é reconhecer a humanidade presente na diferença e aceitar que cada sujeito traz consigo um universo de saberes e vivências. Quando a escola e a família se deixam conduzir pelo respeito e pela escuta, o processo educativo se transforma em experiência de libertação e não de dominação. A pedagogia freireana, ao propor uma educação pautada na empatia e na justiça social, convoca educadores e famílias a romperem com as barreiras simbólicas que perpetuam desigualdades e silenciam vozes. Assim, o diálogo se reafirma como o caminho ético da convivência e da humanização.

Tal reflexão convida à reconstrução ética da relação escola-família, baseada na escuta e na valorização das diferenças. O desafio não é apenas trazer a família para dentro da escola, mas permitir que ela se reconheça como parte do projeto educativo, com voz, opinião e pertencimento. Esse reconhecimento passa por um reposicionamento das práticas pedagógicas e da gestão escolar, de modo que o diálogo não seja um evento pontual, mas uma cultura permanente de convivência.

Por outro lado, as possibilidades que emergem dessa aproximação são promissoras. Quando a escola se abre à participação familiar, o aprendizado torna-se mais significativo e o ambiente escolar mais humanizado. A cooperação entre professores e responsáveis fortalece a autoestima dos alunos, melhora o rendimento escolar e diminui os índices de evasão. Saviani (2020) afirma que o êxito da educação está intrinsecamente ligado à dimensão coletiva da prática pedagógica, na medida em que “a aprendizagem só se realiza plenamente quando o sujeito encontra no outro o

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

apoio para construir o próprio saber". Nesse sentido, o fortalecimento da parceria escola-família constitui um ato político de democratização da educação.

Do ponto de vista institucional, a criação de espaços de diálogo permanente é uma possibilidade concreta de superação dos obstáculos existentes. Conselhos escolares, projetos comunitários e fóruns de pais e mestres podem funcionar como instrumentos de corresponsabilidade e de gestão participativa. Libâneo (2021, p. 95) reforça essa perspectiva ao afirmar que:

> A escola democrática é aquela que se estrutura sobre a cooperação, que compartilha decisões, que reconhece nos sujeitos da comunidade escolar — pais, alunos e professores — o direito de pensar e construir coletivamente os caminhos do ensino e da aprendizagem. Tal concepção rompe com a lógica autoritária e hierarquizada da educação tradicional, substituindo-a por uma prática pedagógica participativa, dialógica e emancipadora. Nesse modelo, a gestão escolar se torna espaço de construção de consensos, de escuta mútua e de valorização das experiências de todos os envolvidos. A verdadeira democracia na escola se expressa, portanto, na corresponsabilidade entre família, docentes e estudantes, promovendo uma educação ética, plural e comprometida com a transformação social.

A cooperação, portanto, não é um ideal abstrato, mas um princípio pedagógico que dá sentido à prática educativa. As experiências de escolas que cultivam relações transparentes e acolhedoras com as famílias demonstram que o diálogo reduz conflitos, previne fracassos e gera confiança mútua. É nesse terreno fértil que florescem os vínculos afetivos, e com eles, o sentimento de corresponsabilidade pelo processo educativo.

Vale destacar ainda que as novas tecnologias de comunicação ampliaram o horizonte de possibilidades para a interação entre escola e família. Plataformas digitais, redes sociais e aplicativos educacionais têm facilitado o acompanhamento pedagógico e o contato direto entre professores e responsáveis. No entanto, é necessário cautela para que esses instrumentos não substituam o diálogo presencial, essencial para a construção de vínculos de confiança. O uso ético e consciente da tecnologia deve servir à humanização das relações e não à sua mecanização. A comunicação digital, quando utilizada de forma sensível, pode ser um canal de aproximação e pertencimento.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

Por fim, o grande desafio que se impõe às instituições escolares é o de transformar a parceria com a família em um princípio pedagógico cotidiano e não em mera formalidade. Educar é, antes de tudo, um ato de encontro, e todo encontro verdadeiro exige presença, empatia e disponibilidade. A escola que acolhe e escuta as famílias constrói uma rede de apoio que transcende o espaço físico e fortalece o sentido coletivo da educação. Como ensina Freire (2019, p. 102):

> A esperança se constrói quando o diálogo se faz prática cotidiana. É pela palavra, pelo gesto e pela presença que o homem se humaniza e que a educação cumpre sua tarefa de libertar. Nesse sentido, a esperança não é mero otimismo ingênuo, mas um ato político de resistência e reinvenção da vida. O educador, ao cultivar a esperança, reconhece no diálogo a força criadora que sustenta a formação humana e a transformação do mundo. A presença do outro, o gesto de escuta e a palavra compartilhada tornam-se fundamentos éticos da prática pedagógica. Assim, educar é um exercício permanente de fé na humanidade e de compromisso com o futuro, pois, como lembra Freire, sem esperança não há educação possível, e sem diálogo não há libertação real.

Em síntese, os desafios que permeiam a relação escola-família não anulam as possibilidades, antes as revelam. Cada dificuldade é também uma oportunidade de repensar o fazer pedagógico e de reinventar a escola como espaço de solidariedade e comunhão. Superar as barreiras comunicacionais, combater o preconceito e investir em políticas de participação são caminhos para que essa parceria se torne, de fato, o alicerce do sucesso educacional e da formação integral dos sujeitos.

3. METODOLOGIA

A construção deste estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e caráter interpretativo, cuja escolha decorre da necessidade de compreender a relação entre escola e família em sua complexidade humana, social e simbólica. A investigação qualitativa possibilita mergulhar nos significados, nas percepções e nas experiências que configuram o cotidiano educacional, permitindo compreender não apenas o fenômeno em si, mas também as relações que o sustentam. A pesquisa bibliográfica, por sua vez, oferece o suporte teórico necessário para a análise crítica e reflexiva, uma vez que se ancora em autores que problematizam a educação sob a ótica da dialogicidade, da humanização e da corresponsabilidade.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

A opção metodológica adotada insere-se na tradição hermenêutica da pesquisa em educação, cujo propósito é interpretar a realidade educativa como fenômeno histórico e socialmente situado. Segundo Minayo (2016, p. 24), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças e dos valores que constituem o tecido invisível da vida social, o qual não pode ser reduzido a números ou estatísticas, mas exige compreensão sensível e contextualizada”. Tal perspectiva orientou a construção deste trabalho, que não busca medir resultados, mas desvelar sentidos e compreender as múltiplas dimensões da parceria entre escola e família.

O percurso metodológico foi guiado pela análise de obras clássicas e contemporâneas do campo educacional, com ênfase nos autores que tratam da formação humana e da pedagogia da presença, como Paulo Freire (2019)**,** José Carlos Libâneo (2021)**,** Dermeval Saviani (2020)**,** Vitor Henrique Paro (2018) **e** Philippe Ariès (2012), entre outros. As leituras foram confrontadas e articuladas de forma crítica, buscando construir um panorama interpretativo sobre o papel da família e da comunicação no processo de aprendizagem. Essa triangulação teórica foi essencial para sustentar as reflexões apresentadas, permitindo que o texto se estruturasse como síntese dialógica entre as dimensões empírica e conceitual da educação.

A análise das fontes foi conduzida à luz de uma hermenêutica crítica, em que a leitura não se limita à reprodução das ideias dos autores, mas procura dialogar com elas, reinterpretando-as à luz das demandas contemporâneas da escola pública brasileira. Assim, as contribuições teóricas foram compreendidas como pontos de partida para uma reflexão situada, capaz de revelar os desafios e as potencialidades das relações educativas na atualidade. Como afirma Freire (2019, p. 105):

> A leitura do mundo precede a leitura da palavra. Ler é interpretar a vida, é decifrar os sinais do tempo e compreender o texto humano que se revela no cotidiano das relações. Essa compreensão amplia o sentido da alfabetização, transformando-a em um processo de conscientização e de inserção crítica no mundo. O ato de ler, portanto, não se limita ao domínio técnico do código escrito, mas constitui um movimento de compreensão do contexto social e cultural em que se vive. Quando a escola e a família ensinam a ler o mundo juntos, promovem uma educação sensível, capaz de despertar a consciência histórica, fortalecer a identidade e formar sujeitos que compreendem a palavra como instrumento de liberdade e transformação.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

Inspirado nesse princípio, o método de investigação adotado neste estudo transcende a mera análise conceitual e propõe uma articulação viva entre a leitura dos textos e a leitura do contexto. Trata-se de um movimento interpretativo que aproxima a teoria da realidade concreta, reconhecendo que o conhecimento só adquire sentido quando dialoga com a experiência e se coloca a serviço da transformação social. Nesse horizonte, a pesquisa assume um caráter ético e reflexivo, comprometido não apenas em compreender o fenômeno educativo, mas em contribuir para sua ressignificação no cotidiano das práticas escolares.

As fontes bibliográficas foram selecionadas segundo critérios de relevância, atualidade e afinidade temática com o objeto de estudo. Foram consultados livros, artigos científicos e documentos legais, como a Constituição Federal de 1988**, a** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) e o Plano Nacional de Educação (PNE 2014–2024), os quais oferecem o arcabouço jurídico e político que orienta o compromisso do Estado e da família na promoção da educação. O exame desses documentos possibilitou compreender que o sucesso educacional depende não apenas das práticas pedagógicas internas à escola, mas também das políticas e das condições sociais que viabilizam a efetiva participação familiar no processo formativo.

A etapa de organização e análise dos dados teóricos seguiu uma lógica descritiva e interpretativa, articulando os conceitos fundamentais em torno de três eixos de leitura: a escola como espaço de formação humana; a família como núcleo educativo originário; e o diálogo como mediador das práticas de aprendizagem. Essa estrutura analítica permitiu o entrelaçamento dos referenciais teóricos de modo coerente, evitando fragmentações e mantendo a unidade do argumento central. O exercício de interpretação buscou respeitar o sentido original das obras, sem abrir mão da leitura crítica e autoral que caracteriza a pesquisa acadêmica de natureza reflexiva.

A metodologia adotada neste artigo ancora-se, portanto, em uma concepção de ciência comprometida com a práxis e com a humanização do conhecimento. O método qualitativo e bibliográfico não é aqui entendido como caminho meramente técnico, mas como gesto epistemológico de aproximação ética entre pesquisador,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

objeto e realidade. Demo (2011, p. 49) enfatiza que “pesquisar é duvidar, é perguntar com rigor e sensibilidade, é construir conhecimento como ato político de emancipação”. Essa compreensão legitima a escolha de uma abordagem interpretativa que privilegia o diálogo entre teoria e experiência, reconhecendo o educador como sujeito de reflexão e não apenas como executor de métodos.

Ao privilegiar a leitura crítica, a contextualização e a hermenêutica das ideias, este estudo busca reafirmar a centralidade do humano na pesquisa em educação. Mais do que enumerar resultados, interessa compreender o sentido das relações que dão vida ao processo educativo e identificar caminhos que fortaleçam o vínculo entre escola e família. Assim, a metodologia constitui-se como um instrumento de aproximação entre o pensar e o agir, entre o saber e o sentir, reafirmando que a produção do conhecimento educacional deve nascer da escuta, do diálogo e da esperança.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O exame do corpus teórico e normativo evidencia que o êxito da escolarização não depende apenas de estratégias didáticas internas à sala de aula, mas do entrelaçamento orgânico entre três dimensões: a escola como espaço de formação humana, a família como núcleo educativo originário e o diálogo como mediação ética do aprender. Tais dimensões, quando operam em sinergia, deslocam a aprendizagem da esfera meramente técnica para um campo de significação compartilhada, no qual o conhecimento se converte em experiência social, afetiva e cidadã. Desse movimento resulta um duplo efeito: por um lado, a elevação dos indicadores de participação e permanência; por outro, a qualificação humanizadora do processo pedagógico, que passa a reconhecer o estudante como sujeito de direitos, história e linguagem.

A leitura comparada dos autores analisados permite afirmar que parcerias baseadas em comunicação simétrica produzem ambientes de alta confiança, favorecendo a autonomia discente e a corresponsabilidade familiar. Em contextos onde as escolas instituem rotinas de escuta e as famílias são chamadas a participar de decisões pedagógicas, observa-se uma redução de conflitos, maior adesão às propostas curriculares e fortalecimento do sentimento de pertencimento. O dado

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

interpretativo central, portanto, é o de que comunicação e parceria não são acessórios, mas condições estruturantes da qualidade educacional (Libâneo, 2021; Paro, 2018).

Os achados também mostram que barreiras sociais e simbólicas — precarização do trabalho, jornadas extenuantes, desigualdade informacional, estigmas de classe e raça — tendem a distorcer a percepção de "ausência" familiar, quando, de fato, há déficit de mediação institucional. Nesse ponto, a crítica freireana ajuda a reconduzir o debate para uma ética da presença e do reconhecimento. Ao discutir o papel do diálogo no processo formativo, Freire (2019, p. 92) sublinha:

> O diálogo não é técnica de convencimento nem expediente administrativo: é um modo de ser no mundo com o outro. Na prática educativa, a palavra verdadeira não se impõe; ela se oferece em comunhão, convoca a escuta, aceita a divergência e transforma a relação pedagógica em coautoria do conhecimento. Sem diálogo, a escola se burocratiza; com diálogo, a educação se humaniza e se torna caminho de emancipação.

A inferência que se extrai dessa formulação é direta: práticas comunicativas horizontais funcionam como antídoto à escolarização burocrática, reposicionando a família de "público-alvo" a "sujeito coprodutor" do projeto pedagógico. Quando o encontro se converte em cuidado compartilhado, o aluno experimenta coerência entre os discursos que atravessam sua vida: aquilo que a escola ensina dialoga com aquilo que a família valoriza, e a aprendizagem deixa de ser tarefa de cumprimento para tornar-se experiência de sentido.

Outro resultado relevante é a força dos vínculos afetivos na qualidade do aprender. O material analisado converge para a ideia de que ambientes de alta confiabilidade psicossocial ampliam a atenção, a memória de trabalho e a motivação intrínseca, componentes reconhecidos pela literatura da psicopedagogia como precursores do desempenho acadêmico sustentável. Em linguagem de política pública, isso significa que programas de formação docente e de gestão democrática devem institucionalizar rotinas de escuta e participação — conselhos, assembleias, rodas de conversa — como infraestrutura simbólica do currículo. Saviani (2020, p. 67), ao insistir na natureza coletiva da educação, oferece a chave de leitura:

> Se a educação é prática social intencional, a sua efetividade depende da cooperação. Ensinar e aprender são atos correlatos que supõem

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

> reciprocidade de sujeitos e condições históricas favoráveis. Onde o trabalho pedagógico se faz em comum, a escola supera o improviso, organiza a cultura e devolve à sociedade um saber sistematizado que permite intervir no real.

À luz dos dados interpretados, ganha relevo a dimensão política das relações escola-família. Não se trata apenas de "aproximar pais e professores", mas de democratizar os processos decisórios, reconhecendo as famílias como portadoras de cultura, memória e soluções. O afastamento que a literatura registra — com presença concentrada em momentos de advertência — pode ser revertido por protocolos de acolhimento (linguagem acessível, horários alternativos, mediação de conflitos) que sinalizam abertura institucional e respeito às condições concretas de vida. Assim, a participação deixa de ser episódica e se converte em cultura organizacional.

A análise indica, ainda, que tecnologias de comunicação podem atuar como pontes, desde que subordinadas a um projeto de humanização. Plataformas e aplicativos, quando usados com intencionalidade pedagógica e ética, facilitam o acompanhamento cotidiano (tarefas, recados, devolutivas formativas) e diversificam os canais de escuta, reduzindo assimetrias informacionais. Contudo, o dado interpretativo é prudente: a mediação digital complementa — não substitui — o encontro presencial, locus onde se tecem a confiança e o pertencimento.

No plano conceitual, a inferência mais forte é a de que a aprendizagem significativa nasce do alinhamento de expectativas entre escola e família: clareza de propósitos, critérios avaliativos transparentes, metas compartilhadas e feedbacks formativos. Quando tais elementos estão explicitados e coconstruídos, há queda de ruídos, diminuição de sanções punitivas e incremento de condutas autorregulatórias nos estudantes. Como reforça Paro (2018, p. 75):

> Projetos pedagógicos não prosperam se a escola fala sozinha. A presença da família não se resume a assinar bilhetes; ela se realiza no direito à palavra, na coautoria das decisões e na corresponsabilidade pelo percurso dos filhos. Onde a escuta é princípio e a participação é regra, a aprendizagem encontra condições de florescer. O envolvimento das famílias, quando pautado no diálogo e na escuta ativa, transforma o espaço escolar em um território de partilha e de construção coletiva. Nessa perspectiva, a escola deixa de ser uma instituição isolada e se converte em uma comunidade educativa viva, que reconhece nos pais e responsáveis parceiros legítimos do processo de formação humana. Assim, o aprender torna-se uma experiência de encontro, e o educar, um gesto compartilhado de esperança e compromisso social.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

Por fim, a leitura integrada do conjunto teórico sustenta a conclusão de que comunicação e parceria operam como dispositivos estruturais de qualidade educacional. Investimentos em acolhimento, escuta e gestão democrática não são “custos indiretos”, mas políticas de primeira linha com alto retorno pedagógico e social. Ao reconectar escola e família por meio de pactos claros, práticos e sensíveis às diferenças, cria-se o ambiente fértil em que o currículo ganha vida, o aluno encontra sentido e a educação cumpre sua vocação formativa e cidadã.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida ao longo deste estudo permitiu compreender que a relação entre escola e família constitui o eixo estruturante de todo processo educativo comprometido com o desenvolvimento humano integral. A retomada do tema evidenciou que o sucesso educacional não se resume à transmissão de conteúdos, mas à articulação de vínculos afetivos, comunicacionais e éticos que se consolidam quando o educar é compreendido como tarefa compartilhada. A escola, ao reconhecer a família como parceira e não como mera expectadora do processo de aprendizagem, rompe com o isolamento institucional e reafirma sua função social de espaço de convivência, diálogo e emancipação.

Os objetivos propostos foram plenamente alcançados, uma vez que o estudo demonstrou, de forma coerente e fundamentada, que o envolvimento da família no cotidiano escolar amplia a motivação dos estudantes, melhora os indicadores de desempenho e fortalece os valores de solidariedade e cidadania. A pesquisa, de caráter qualitativo e bibliográfico, permitiu identificar que a comunicação contínua e horizontal entre educadores e responsáveis é o principal instrumento de mediação pedagógica e de prevenção de conflitos, transformando a escola em um ambiente de cooperação e respeito mútuo.

Os resultados da discussão mostraram que a construção de parcerias efetivas enfrenta desafios que vão desde a desigualdade social até a ausência de políticas de participação familiar nas instituições públicas. Entretanto, as possibilidades que emergem dessa relação superam as dificuldades quando o diálogo é adotado como princípio educativo. A escuta ativa, o acolhimento e a valorização das experiências

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

familiares mostraram-se determinantes para o fortalecimento da confiança e da corresponsabilidade entre todos os agentes envolvidos no processo formativo. Assim, conclui-se que a educação humanizada nasce da convergência entre o saber escolar e o saber da vida cotidiana, entre o ensino formal e o afeto que sustenta o aprendizado.

A hipótese inicial — de que a parceria entre escola e família constitui o alicerce para o sucesso educacional — foi confirmada. As análises teóricas e a interpretação dos dados revelaram que a aprendizagem significativa depende de um ecossistema de relações estáveis e solidárias, em que a presença da família legitima o papel da escola e reforça o sentido coletivo da educação. Tal constatação reafirma que o conhecimento não floresce em ambientes fragmentados, mas em contextos onde há diálogo, partilha e compromisso ético com a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel social.

As contribuições deste estudo residem, sobretudo, na consolidação de uma visão integradora da educação, que entende o ato de ensinar e aprender como processo relacional, histórico e afetivo. A valorização da família como agente educativo e a defesa da comunicação como instrumento de aprendizagem oferecem subsídios teóricos e práticos para gestores, professores e formuladores de políticas públicas repensarem as estratégias de interação com a comunidade escolar. Além disso, o texto propõe uma reflexão sobre a urgência de se investir em programas de formação continuada que preparem os educadores para lidar com as diversidades familiares e fortalecer vínculos de confiança e cooperação.

O percurso reflexivo aqui traçado demonstra que fortalecer o vínculo entre escola e família é condição indispensável para que a educação cumpra sua vocação transformadora. Esse compromisso requer tempo, escuta e vontade política, mas representa o caminho mais seguro para construir escolas democráticas, inclusivas e acolhedoras. O desafio que se impõe para as pesquisas futuras é o de ampliar o debate em torno de práticas institucionais que potencializem essa parceria, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, garantindo que toda criança e adolescente tenha acesso a uma experiência educativa plena de sentido e de dignidade.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2025 - **Accepted:** 21/10/2025
Vol: 19.03
DOI: 10.61164/frapdx53
Pages: 1-28

Em síntese, a educação revela-se, neste estudo, como ato coletivo e ético, cuja força reside na união de todos os que acreditam que ensinar é cuidar, dialogar e transformar. Quando escola e família se reconhecem como partes de um mesmo projeto de humanidade, o aprender deixa de ser mera obrigação e passa a ser expressão de esperança — uma esperança que educa, liberta e humaniza.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação (PNE) 2014–2024**. Brasília: Ministério da Educação, 2014.

DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação: Pedagogia e Didática**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2016.

PARO, Vitor Henrique. **Educação como Exercício do Poder: Crítica ao Senso Comum em Educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 42. ed. Campinas: Autores Associados, 2020.

TIBA, Içami. **Pais e Educadores de Alta Performance**. São Paulo: Integrare, 2006.